

ALESSANDRO HENRIQUE PIRES SEQUEIRA

**O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DA CIDADE DE SÃO
FILIPE NA ILHA DO FOGO: Subsídios para o seu estudo**



ISE, 2006

ALESSANDRO HENRIQUE PIRES SEQUEIRA

**O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DA CIDADE DE SÃO FILIPE NA
ILHA DO FOGO: Subsídios para o seu Estudo**

**Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação para obtenção
do grau de Licenciatura em Ensino de História, sob Orientação do Dr. José Silva
Évora.**

ISE, 2006

**Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação, aprovado
pelos membros do Júri e homologado pelo Conselho Científico, como requisito
parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Historia.**

O Júri,

Praia, ____ de ____ de ____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muito carinho e amor, a minha mãe Margarida Pires Sequeira e ao meu pai, Manuel Henrique Mendes Sequeira, pela vida e educação que me proporcionaram. A todos os meus familiares, em especial a minha querida Avô, Alice Pires. Uma dedicatória muito especial a minha querida filha, Maiara Vieira Pires Sequeira e sua mãe, Maria Vieira (Deusa).

Vocês são a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho de pesquisa foi possível graças a colaboração e intervenção de varias pessoas. Nesta óptica, quero deixar expresso os meus penhorados agradecimento a todos aqueles que de forma directa ou indirecta contribuíram para a feitura deste trabalho.

Agradeço o meu Orientador, Dr. José Silva Évora, pelo tempo disponibilizado e pelo apoio, orientação e coordenação prestado;

Um grande agradecimento ao meu amigo (de coração), Felisberto Mendonça (Phill), pela amizade e companheirismo demostado ao longo desses cinco anos que estivemos juntos;

Um agradecimento especial aos colegas, Luís Barbosa e António Canto, pelos conselhos que revelaram enriquecedoras no meu quotidiano;

Um agradecimento especial, ao meu colega da República, Silvino Montrond Fontes, pelo companheirismo e solidariedade demonstrado ao longo desses anos;

Meu agradecimento ao amigo, Joaquim Fontes (Chalé), por ter disponibilizado o seu computador para a digitalização do trabalho;

Um agradecimento muito especial à minha colega, Sheila Lopes, por ter ajudado na digitalização do trabalho;

Meus agradecimentos às minhas primas, Iloisa Pires e Arminda Cardoso, por terem me apoiado ao longo desses anos;

Um muito obrigado ao meu tio, Daniel Pires, por ter me ajudado e apoiado nos momentos mais difíceis desta caminhada;

Um agradecimento aos meus amigos, Bosco, Natalia, Djay e Flup, pela amizade, carinho e companherismo demonstrado ao longo desses tempos.

Um muito obrigado ao, Sr. José, Dona Fatinha e filhas (Elisa, Nuca e Codê) pela amizade e apoio moral demonstrado ao longo desses anos;

Um agradecimento especial aos meus vizinhos, Tito, Vinda e Janete, pelo apoio, amizade e solidariedade prestados ao longo desses anos.

**À todos um
muito obrigado!**

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| CAPÍTULO I – A ILHA DO FOGO, O ESPAÇO E AS GENTES – UM OLHAR HISTÓRICO. | |
| <i>1.1. Enquadramento Histórico da Ilha do Fogo: Da “Descoberta” ao Sistema de Exploração.....</i> | <i>10</i> |
| <i>1.2. Núcleos Primitivos de Povoamento.....</i> | <i>13</i> |
| <i>1.3. São Filipe e o seu Património Natural.....</i> | <i>15</i> |
| CAPÍTULO II – O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO NA CIDADE DE SÃO FILIPE | |
| <i>2.1. Análise Patrimonial do Espaço Urbano: Contributos da Arqueologia.....</i> | <i>20</i> |
| <i>2.2. Inventariação e Análise do Património Construído.....</i> | <i>23</i> |
| <i>2.3. Arquitectura da Cidade: Acerca dos Sobrados.....</i> | <i>38</i> |
| CAPÍTULO III – IMPORTÂNCIA DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO NA HISTÓRIA E NA SOCIEDADE “SÃO FILIPENSE”..... | 42 |
| CONCLUSÃO..... | 48 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 51 |
| ANEXO | 54 |

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado com o título: **O Património Construído da Cidade de São Filipe na Ilha do Fogo: Subsídios para o seu Estudo**, é a resposta à um requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Historia, no Instituto Superior de Educação.

Num mundo em permanente mudança e com a tendência nítida para a globalização de tudo e de todos é urgente e necessário unir e trabalhar no sentido de preservar e defender a nossa cultura das “agressões globalizantes” da actualidade. E uma das formas de preservá-la passa pela valorização de algumas áreas de permanência como o legado patrimonial, mormente, quando se trata de países como o nosso com fracos recursos económicos. Com efeito, o nosso país, só ganhará a sua própria dimensão nesta “aldeia global” dominada pela alta tecnologia, através, nomeadamente, da preservação e salvaguarda da sua cultura. E uma das formas de salvaguardar aquilo que nos identifica como povo, passa pela preservação do nosso património, designadamente o construído, evitando a descaracterização que hoje se verifica.

A cidade de São Filipe, desenvolvida numa plataforma que evoluiu suavemente em direcção ao vulcão, através de ruas bem delineadas, passando por praças fechadas, por belos sobrados constitui um dos centros históricos do país, cujo Património Construído por muito que se diga ficará ainda muito por dizer.

À luz do novo olhar que sobre aquilo que nos rodeia permitem os conhecimentos adquiridos e a paixão deles advenientes, de forma alguma poderíamos deixar de tentar fazer passar a mensagem de que tais legados patrimoniais existem e que de modo algum podem estar, longe do nosso conhecimento e interesse.

Dar a conhecer foi pois um dos objectivos primordiais deste trabalho, que não posso deixar de refutar como modesto, ciente que estamos da verdadeira dimensão natural e humana

do seu objecto. Um trabalho que, mau grado as oportuno recomendações do nosso Orientador Dr. José Évora, não pode deixar de reflectir uma crescente paixão por tudo quando nos foi dado descobrir no dobrar de cada esquina e à saída de cada beco da cidade que nos viu nascer.

Dar a conhecer e, talvez mais ainda, partilhar, é também a razão pela qual procuramos ilustrar os textos que escrevemos com uma relativa abundante documentação fotográfica, esperando poder, assim, transmitir aos leitores uma imagem tão fiel quanto possível dos monumentos de São Filipe, Património invulgar para cuja descrição não raramente nos faltaram palavras e sobretudo admiração, tal era a dimensão dos obstáculos, e maior ainda, a vontade de os vencer.

A estrutura do trabalho foi compartimentado do seguinte modo: no Capítulo I, abordamos a Ilha do Fogo no seu aspecto histórico, onde fizemos um enquadramento histórico da ilha (da “descoberta” ao sistema de exploração). Em seguida, fizemos referência aos núcleos primitivos de povoamento e para terminar o primeiro capítulo abordamos São Filipe e o seu património natural.

No Capítulo II, que constituiu a essência do nosso trabalho, abordamos o património construído na Cidade de São Filipe, onde fizemos uma análise patrimonial do espaço urbano, lançando um olhar sobre os contributos da arqueologia. Fizemos também, uma inventariação e análise do património construído e, por fim, abordamos a arquitectura da cidade.

No Capítulo III, fizemos algumas reflexões sobre a importância do património construído na história e na sociedade “sãofilipense”.

A elaboração de um trabalho desta natureza exige uma metodologia específica que passa necessariamente pela filosofia positivista procurando ser o mais objectivo possível no tratamento patrimonial e histórica dos documentos que são avaliados ao longo do trabalho. A metodologia utilizada constituiu em selecção e exploração da bibliografia existente referente a temática, recolha e tratamento das imagens, inventariação dos monumentos na cidade de São Filipe e respectiva interpretação e, por fim, a elaboração do texto final.

CAPÍTULO I

A ILHA DO FOGO, O ESPAÇO E AS GENTES – UM OLHAR HISTÓRICO

A ilha do Fogo é detentora de valores históricos, culturais que aliados aos das outras ilhas, merecem um estudo mais intensificado e planificado, com vista a reconstrução da (sua) nossa história. Foi com base neste pressuposto que prepussemos estudar o Património Construído da cidade que nos viu nascer, no intuito de dar o nosso contributo, ainda que modesto, ao estudo de uma parcela importante do devir histórico de São Filipe e suas gentes.

Atendendo que o conceito de Património é bastante vasto, no nosso trabalho, faremos referencias aos monumentos históricos e ao conjunto dos edifícios públicos e privados da cidade de São Filipe.

Como leigo, não podemos falar do estilo arquitectónico dos monumentos que vamos referir, bem como da fisionomia arquitectónica da cidade, deixando que tal seja objecto de tratamento por pessoas mais afecto ao assunto.

Para um melhor viciamento do estudo que propomos apresentar passemos a contextualizar a ilha do Fogo na história, após a qual incidiremos no espaço “sãofilipense” onde o estudo se recai.

1.1 Enquadramento Histórico da Ilha do Fogo: Da “Descoberta ao Sistema de Exploração

A ilha do Fogo, integrada no grupo de grupo Sotavento, foi descoberto, segundo consta, no ano de 1460, pelo português Diogo Gomes e pelo genovês António da Noli. À semelhança do que aconteceu em relação a Santiago, a ilha do Fogo foi baptizada e com o nome do Santo: Sam Fellipe (São Filipe). É o que podemos constatar, partindo da análise do documento mais antigo que se conhece referente à esta ilha, a Carta Régia de 13 de Dezembro de 1460, doando ao Infante D.Fernando as ilhas do Atlântico até então identificadas. Entre outras, aponta: *“Sam Jacobo e Fellipe” y da ylha dellas Mayas e da ylha de Sam Cristovam e de ylha Lana”*¹

Um pormenor de grande relevo foi a origem da mudança do nome de baptismo de ilha Fillipe para ilha do Fogo. *“ (...) Se chama de Fogo porque em meio della há uma serra mui alta mais que nenhuma outra ilha destas, na qual serra sempre arde fogo, que parece a olhos vistos. E em certos tempos do ano ferve (...)”*.²

No último quartel do século XV, alguns anos após o início do povoamento da ilha de Santiago o Fogo começa a ser habitada. Diz Oliveira Marques que *“no Fogo os primeiros povoadores, pertencendo a casa do Infante D. Fernando, haviam chegado na década de 1460 mas, na sua maioria, desistiram da empresa pouco tempo depois, abandonando a ilha. Foi só por volta de 1510 que a criação da capitania local condicionou o surto de um povoamento duradouro.”*³

¹ PEREIRA, Daniel A. *Apontamentos históricos sobre a ilha do Fogo*. Ed. Alfa-Comunicacoes. s/d. p. 21

² FERNANDES, Valentim. (1508-1510) Citado por, ALBUQUERQUE, Luís de, MADEIRA, Maria Emília (coord.) *Historia Geral de Cabo Verde*. Vol.III. Lisboa-Praia. Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Nacional de Investigação e Património Culturais de Cabo Verde. 2002. p.35

³ MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*. Vol.II – Do Renascimento às Revoluções Liberais. Editorial Presença. 13ª edição. Lisboa. 1998. p.55

Verifica-se, pois, que a semelhança do que aconteceu em relação a ilha de Santiago, também no Fogo o primeiro modelo de povoamento terá falhado. Situação que só viria a ser contornada com o segundo modelo, a partir de 1466.

Partindo do pressuposto que, após a descoberta e povoamento da ilha impunha-se a rentabilidade e exploração das mesmas, é justificável abrir uma parêntese para, de forma bastante sumária, apresentar as linhas mestras referentes ao sistema de exploração da ilha do Fogo.

Ao que tudo indica, o povoamento imediato da ilha explica-se pela necessidade de aumentar a extensão agrícola de Santiago. O Fogo tornou-se rapidamente num centro de cultura de rendimento que lhe conferiu, durante algum tempo, um lugar de significativa importância na economia das ilhas.

Portanto, tudo leva a crer que, a ilha do Fogo foi a segunda ilha de Cabo Verde a ser povoada com gente oriunda de Santiago (naturais de Portugal, Itália e Espanha) e escravos resgatados na Costa da Guiné.

O cultivo de algodão e as “vantagens concedidas aos rendeiros em 1504” terão incentivado o aumento da população desta ilha, o que quer dizer, que o Fogo já albergava, no seu interior, um núcleo populacional, economicamente e socialmente organizado.

Esta ilha nasce pois sob o signo da agricultura, nomeadamente da cultura do algodão, de cujo cultivo, apanha, limpeza, armazenamento e transformação se ocuparam os escravos. Os moradores da ilha, proprietários residentes em Santiago e seus arrendatários participaram activamente no tráfico negroiro.

É de destacar nomes como Fernão Gomes, António de Spínola, João Fernandes, Martim Miguel, Fernando Soares que terão sido moradores da ilha, enquanto outros apenas afixaram propriedades no Fogo, continuando a residir em Santiago. Alguns dedicavam-se ao comércio de escravos que iam resgatar nos rios de Guiné.

A necessidade de aumentar mão-de-obra para o cultivo de algodão terá aumentado o número de negro nesta ilha, ao mesmo tempo que a riqueza dos seus moradores.

No primeiro quartel do século XVIII, falava-se, entretanto, em naturais da ilha como sendo cristãos, para os distinguir dos portugueses. Provavelmente, os naturais da ilha ocupavam cargos socio-políticos na sociedade foguense que na altura, já se tinha complexificado. Citando Daniel Pereira, havia na ilha, mesmo no início do século XVII, cargos de “*almoxarife, alcaide da ilha, tabelião e escrivão dos órfãos.*”⁴

⁴ PEREIRA, Daniel A. Apontamentos históricos sobre a ilha do Fogo. Ed. Alfa-Comunicacoes. s/d. p.34

Contrariamente ao que sucedeu com a ilha de Santiago, a gestão político- administrativo da ilha do Fogo esteve única e exclusivamente, durante algum tempo, nas mãos de funcionários reais, através de uma Câmara que, muito cedo, se constitui.

A ilha só deixa de estar sob administração directa da Coroa, quando em 1528, o Rei D.João III, concede a capitania da ilha a D.João de Menezes e Vasconcellos, o Conde de Penella.

Os anteriores capitães que, possivelmente terão estado na ilha, não gozavam de tão largos poderes, como os que então foram, concedidos ao Conde de Penella, que passa a gozar dos mesmos privilégios que os de Santiago, *“e me praz que o dito Conde os haja e use dellas assim e tão inteiramente como os capitães da ilha de Santiago”*.⁵

Esta carta régia é a primeira que se conhece. Ela inclui todas as rendas, direitos, foros e tribunais, assim como as funções de administração, da justiça no civil e no crime e dá direito as terras para o cultivo de algodão e criação de gado contando que se pague o dízimo.

De mãos em mãos de capitães-donatários, a ilha foi passando: em 1566, D.Sebastião concede, através de uma carta régia, a capitania da ilha, a D.Afonso de Menezes e Vaconcelos, nos mesmo termo que o anterior.

Em 29 de Janeiro de 1591, D.Filipe, confirma a carta de doação a D.João de Menezes e Vasconcelos. Em 1635, outra carta concede a D.João Luís de Vaconcelos a capitania da ilha.

Depois de passar, por sucessão, à vários descendentes do Conde, a capitania reverteu, de novo, para a Coroa, no reinado de D.João IV.

A ilha do Fogo conhece algum progresso sob a administração directa do reino. No reinado de D.JoãoIV foi instituído o conselho ultramarino que deu maior atenção às ilhas, nomeadamente, o Fogo.

Nos meados do século XVIII, estas ilhas foram entregues à Companhia de Grão-Pará e Maranhão que se estabeleceu no Fogo, com casas em São Filipe e Mosteiros.

Relativamente a estrutura dessa sociedade, profundamente marcada pela escravatura, Teixeira de Sousa em “Sobrados, Lojas e Funcos”, refere que a dominação económica dos brancos autóctones (descendentes da classe senhorial) alcançou o começo do século XX e que foi do segundo quartel em diante que a sucessão dos mestiços na posse dos bens da terra marcou o começo de nova sociedade foguense.”⁶

Como facilmente se depreende, não procuramos estudar em pormenor a problemática referente ao enquadramento histórico da ilha do Fogo no âmbito da aventura expansionista,

⁵ BARCELOS, Senna. *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, Parte I, pág.94

⁶ SOUSA, Teixeira. Sobrados, Lojas e Funcos. IN: Claridade. Nº2. Mindelo.1958. pp. 2-8.

nem tão pouco a administração desta ilha nos primórdios da sua ocupação. É assim que, nas linhas anteriores propussemos tão somente referenciar alguns dados históricos que consideramos relevantes e pertinentes para quem pretende estudar qualquer aspecto do Fogo colonial. No nosso caso, o que pretendemos é analisar o Património Construído do espaço “sãofilipense” daí o não aprofundamento dos acontecimentos históricos atrás mencionados.

1.2. Núcleos Primitivos de Povoamentos

Infelizmente a documentação disponível nos nossos arquivos não nos permita recuar no tempo para seguir o nascer e o evoluir dos primeiros povoados da ilha do Fogo a partir da longínqua 2ª metade do século XV.

Seria então de esperar que a arqueologia resolvesse esse problema o que também e, infelizmente, não foi ainda possível no nosso país.

Porém, partindo do princípio de que em Cabo Verde, a semelhança do que aconteceu noutras paragens ultramarinas, os primeiros povoados surgem quase sempre “na boca dos portos”, somos tentados a admitir que em São Filipe, os primeiros núcleos terão surgido a volta do porto.

Como atrás referimos, a colonização da ilha do Fogo é imposta pela necessidade de aumentar as áreas de cultivo, principalmente, e de criação de gado da ilha de Santiago, com vista a servir prontamente o comércio com a costa da Guiné. Assim o primeiro aglomerado terá sido o de São Filipe, por ter acesso ao mar, e os restantes terão situados nos terrenos favoráveis à agro-pecuária, portanto a uma cota elevada de altitude, já que o litoral da ilha sempre foi árido.

*“As origens das principais povoações jaz na mais completa obscuridade. Parece que São Filipe data do início da ocupação da ilha, Mosteiro seria terra importante no fim do século XVII, pois havia aí casas da Companhia do Grão-Pará e lojas de comércio; apenas para Cova Figueira é possível encontrar a certidão de idade. Um tal de João de Araújo Gomes (...) pediu em 1802, de arrendamento, a fazenda de Cova Figueira, com condição de fundar aí povoação com igreja, instalando 150 famílias, na maior parte desalojadas das suas casas e terras pela erupção de 1799 (...)”.*⁷

⁷ RIBEIRO, Orlando. *A ilha do Fogo e as suas erupções*. Ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1997. p.150

O nascimento da povoação de S.Filipe foi motivado por razões económicas que determinaram a colonização da ilha do Fogo. Para servir uma actividade agro-pecuária, virada para o comércio externo, era imprescindível a existência de um porto que desse escoamento aos produtos. O Fogo, pela sua configuração, não é acessível. A costa é alta e escarpada. É assim que dois ancoradouros a oeste da ilha vão condicionar a localização e implantação do primeiro aglomerado populacional.

O primeiro núcleo urbano de São Filipe terá localizado na zona que é conhecida por Meia Laranja e, hoje, Largo Pedro Monteiro Cardoso (grande poeta fogueense) vindo desde as rochas de Boqueirão, do lado onde situava anteriormente a cadeia civil, que foi inicialmente um forte, denominado “Fortim Carlota”.

Nos primeiros séculos, a povoação de São Filipe, sede do concelho, terá mantido o aspecto de um núcleo de comércio rural, funcionando como estância de passagem dos habitantes do campo, ricos proprietários.

Anos mais tarde, esse centro foi deslocando para um outro largo, cercado de sobrados pertencentes, ao tempo, às famílias importantes da ilha. Até os primeiros anos do século XX, o largo era térreo. Ali brincavam os filhos dos senhores dos sobrados e se faziam as cavalhadas.

O conhecido “Mê di Rua” transformou-se depois numa bela praça, pavimentada com canteiros floridos, um coreto, um quiosque, bancos confortáveis e iluminada por belos candeeiros, constituindo um dos espaços que dá São Filipe uma certa particularidade.

Foi uma das primeiras “praças”, a praça João Pais, entre as muitas que a cidade conta. Mais tarde passou a designar Praça 4 de Setembro.

A partir deste centro a cidade foi-se construindo. Os limites da mesma, designada pelos seus habitantes como “Bila” permaneceram até hoje inalteráveis. *“O casario quasi todo construído de bons edifícios, no meio dos quais – caso raro em vilas, mesmo em cidades caboverdianas – poucas ruínas se notam, assenta sobre um terreno em anfiteatro. E assim, o alinhamento dos tectos vai-se elevando, sensivelmente, à medida que nos distanciamos no mar. A “Bila Baixa” começa no cimo das rochas do boqueirão que se elevam aproximadamente a 50 metros do nível do mar e terminava, pelo Norte, na rampa da Achada Pato, Sul, pela ribeira do Lêm e leste por um barranco onde, mais tarde, se construiu um paredão formando o Alto S.Pedro. (...) Em seguida, para leste, estendia-se a parte mais elevada que recebia o nome de “Bila Riba”. Havia, finalmente, o Predídio (presidi em crioulo), a nossa “terra de ninguém”, ponto de reunião à tarde e à noite, dos magnatas das*

*duas zonas, de onde se avista todo o canal que separa o Fogo e a Brava, destacando-se esta e os ilhéus Rombos, a poucas milhas para Oeste”*⁸

Após este breve olhar sobre os espaços por onde terão surgido os primeiros povoados, procuraremos neste trabalho, incidir sobre São Filipe, no respeitante às suas construções por detrás das quais existem certamente muitas histórias e que constituem, por isso um Património desta cidade e de Cabo Verde.

Pensamos que em toda a ilha do Fogo, particularmente, nos principais centros como Mosteiros ou mesmo no mundo rural, encontraremos monumentos que simbolizam a vivência das gentes do Fogo e que constituem, hoje, legados patrimoniais dignos de serem estudados, divulgados e promovidos. A nossa preferência recaiu, no entanto, para a Cidade de São Filipe, não só por razões afectivas como também pelo facto de consideramos ser o espaço onde os monumentos históricos são mais expressivos.

1.3. São Filipe e o seu Património Natural

A Convenção do Património Mundial (1972) estabelece que o património natural, pode ser definido como sendo *“os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou pelos grupos de tais formações que tenham uma valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; as formações geológicas ou fisiológicas e as zonas estritamente delimitadas constituindo o habitat de espécies animais ou vegetais ameaçadas, que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; os sítios naturais ou as zonas naturais estritamente delimitadas, que tenham um valor universal do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.”*

Assim, o ambiente natural é um dos factores de génese e evolução de qualquer cultura. Cada grupo humano procura adaptar-se às condições que o ambiente natural lhe oferece, e cria um sistema de relações entre o homem e a natureza no sentido de facilitar o seu desenvolvimento. Essa adaptação ao ambiente não significa sujeição ao meio, até pelo contrário pode ser uma modificação das condições originais, com apoio da técnica, onde os grupos humanos se manifestam como factor de evolução de ambiente natural.

Actualmente, o “património cultural” é tema corrente e quase ninguém dúvida da importância da conservação do património cultural. Este conceito está mais associado à

⁸ Figuras do Fogo – Nho Abílio Macedo, numa evocação da infância. In Revista Magma. Nº4, Ano II, pág.19

preservação de elementos artísticos ou criação humana, geralmente edifícios, monumentos, etc. Entretanto, não deixa de ser também importante a preservação dos aspectos naturais, característicos, onde teve origem. O próprio desenvolvimento do património arquitectónico não está isolado de elementos naturais como relevo, clima, materiais disponíveis, entre outros.

A defesa do património natural passa pela preservação dos elementos que mais influenciaram o seu desenvolvimento do património cultural e dos recursos naturais que apoiam o desenvolvimento das sociedades.

Nestes aspectos, constitui património natural, a flora e a cobertura vegetal, destacando-se as espécies mais características, a associação vegetal, as plantas usadas na medicina tradicional; a fauna, destacando-se as espécies raras, as praias, o mar, as ribeiras, etc.

Relativamente a Cabo Verde, partindo do princípio que as ilhas não eram habitadas antes da chegada dos portugueses, temos de admitir que a insularidade foi um factor decisivo na evolução do ambiente. Tanto os europeus como os africanos que vieram para o arquipélago tiveram de se adaptar a um ambiente novo. A aridez e o isolamento, são os factores mais destacados, mas não os únicos. Todo o ecossistema era diferente dos continentes de origem dos povoadores.

Por isso, foram introduzidas novas espécies de animais e plantas que enriqueceram o nosso património.

As primeiras descrições do século XV, destacam a existências de ribeiras de águas perenes, figueiras, e diversas plantas nos vales, aves diversas e tartarugas.

A ocupação de território, o crescimento da população, a necessidade de explorar a terra, aceleraram a degradação de um ecossistema frágil onde as secas periódicas diminuía a capacidade de reconstituição da cobertura vegetal. Deste modo, uma boa parte do nosso património natural foi degradado pela intervenção humana, principalmente no alargamento de áreas de cultura, de pastagens e exploração de combustíveis.

Se bem que a intervenção do homem no ecossistema não significa sempre degradação. Pode haver melhorias, e criação de ecossistema mais estáveis. A arborização do arquipélago é uma intervenção positiva que poderá enriquecer o nosso património, uma vez que serve de habitat para as aves da nossa fauna.

O nosso património natural abrange, naturalmente, a flora e fauna onde podemos realçar espécies raras, algumas em vias de extinção e variedades endémicas do arquipélago; o mar e o litoral, os solos, as matas, entre outros.

Na nossa flora, podemos destacar algumas espécies de árvores de grande porte, que correm o risco de desaparecimento se não foram protegidas. Geralmente possuem um crescimento muito lento, o que não anima a multiplicação e cultivo face a seca:

- **Calabaceira (*Adansonia digitata*)** – ainda existem exemplares em quase todas as ilhas de Cabo Verde, mas em número reduzido. O fruto é utilizado na medicina tradicional e na confecção de bebidas refrescantes. Apesar da sua resistência à seca, o número de plantas está a diminuir rapidamente.
- **Dragoeiro (*Dracaena draco* L)** – é uma árvore rara em todo o mundo. Em Santiago não deve ultrapassar uma dúzia. Produz uma resina avermelhada – o sangue de drago – com propriedades medicinais; na medicina tradicional é usado no combate às dores, quando dissolvido no “grogue”.
- **Tamarindo (*Tamarindus indica* L)** – muito resistente à seca, o fruto é comestível e usado na confecção de bebidas refrescantes e as folhas servem de foragem. Ainda existem muitos exemplares, mas a tendência é para diminuir.
- **Poilão (*Ciba Bentrandra* L)** – é uma das maiores árvores que temos. Existem poucos exemplares e tende a desaparecer com a seca.

O mar e o Litoral é um grande património. No nosso caso, praticamente não se pode falar de poluição das nossas águas litorais, nem de um desequilíbrio no ecossistema, mais convém garantir a sua conservação.

O nosso mar já foi rico em baleias e cachalotes, as tartarugas continuam a desaparecer pelas capturas e exploração das áreas nas praias. Aliás, a exploração excessiva das áreas nas praias tem provocado a degradação deste património. Algumas praias de áreas, transformaram-se em praias de calhaus; além de facilitar a infiltração da água do mar impossibilitando as culturas nas áreas baixas próximas do litoral, diminuiu o espaço de recreio.

Posto isso, passemos a analisar a ilha do Fogo, particularmente o espaço “sãofilipense”, em matéria de património natural.

Na cidade de São Filipe, localizada na Freguesia de Nossa Senhora de Conceição, a Oeste da ilha do Fogo, o clima é quente e seco, salvo na estação (entre Julho e Outubro) na qual chove com alguma frequência. O vento dominante é o do nordeste que sopra

constantemente durante todo o ano, com escassas calmas ou variações de direcção nas temporadas húmidas.

Dos diversos microclimas da ilha do Fogo, a parte mais árida corresponde a zona sobre a qual se assenta a cidade de São Filipe, já que se encontra abrigada dos ventos dominantes pelas elevações orográficas.

A cidade assenta na ladeira ocidental da ilha, a qual corre para o mar com um declive menor do que o que pode ser encontrado no resto do litoral da ilha. A cidade desenvolveu-se entre duas ribeiras, denominadas da Trindade e de São João, que constituem os limites naturais. Só recentemente ultrapassou estes acidentes naturais para espalhar-se em direcção ao Norte e Sul.

A Oeste, a cidade é limitado pelo mar, que constitui uma presença paisagística constante numa cidade escalonada em direcção a ele. Na frente, deriva-se a ilha Brava que manteve em toda a história uma constante relação com o Fogo. A vegetação é escassa, em virtude da aridez do terreno.

Em Cabo Verde todas as ilhas são diferentes tanto na paisagem natural como humana. Mas a paisagem do Fogo é simplesmente peculiar: O vulcão com 2829 metros de altitude (ponto mais alto do arquipélago), a paisagem lunar de Chã da Caldeira – mistura de manchas verdes (pequenas florestas e pomares) e a grande extensão de manchas negras (lavas das diversas erupções vulcânicas, sendo a mais recente a 2 de Abril de 1995).

Em Chã das Caldeiras é de salientar também, pelo humidade aí existente, uma vasta área florestal denominada de Monte Velha (parque natural da ilha do Fogo) onde podemos encontrar eucaliptos e outras árvores de grande porte. Existência de plantas endémicas – o pico novo está integrado no parque natural que a cadeia de montes circunda Chã das Caldeiras – denominado Serra – é a grande montanha que se pode avistar da cidade de São Filipe, e que constitui um negro cortinado que veda o majestoso vulcão, espreguiçando-se do lado, sem declives suaves até ao mar e que cortada perpendicularmente sobre o Norte, em uma enorme extensão, como que constitui pelas colunatas salientes dos moles de basalto em forma de exclamações, uma lapide enorme onde a natureza inscreve-se a sua admiração externa pelo vulcão que fica fronteiro.

O panorama da Serra é grandioso e belo. Do lado Norte, a verticalidade do abismo. Do Sul, um enorme declive onde se desenham pequenos povoados com as suas habitações de colmo, tamarinhos gigantes vestidos de glauco, caminhos estreitos com grandes fitas flexuosas.

A gruta “Ghôn-ghôn”, situado no monte Nhuco a 20 metro acima do alívio da ribeira, que corre aos pés nas épocas das chuvas, tem subjacente a conhecida nascente do Nhuco, pitoresca e aprazível escavação na rocha, cujo abobada goteja num desfalecimento de pedra, murmúrios suaves, a que o isolamento profundo do sitio dá timbres de uma doçura melancólica. Esta fonte protegida pelas sobras do vale e enfeitada por fetos, avencas e musgos, tem os seus encantos de um nicho de fadas, onde se goza uma atmosfera fresca, embalsamada e deliciosa.

A gruta comunica com o atalho que conduz à frente por um trilho quase vertical desenhado no talude da montanha, desse trilho vem dar directamente a uma pequena plataforma que dá acesso ao seu pórtico de 2 metros de alto aberto ao Oeste e que pela sua configuração em tanto triangular.

De acordo com a tradição oral, esta gruta reveste das mais trágicas e misteriosa. Para uns é o recinto da convocação dos espíritos. Para outros, é assembleia-geral dos feiticeiros. Para toda a gente um corredor sem limites, onde ninguém poderia embrenhar-se, onde as luz se apagariam por motivos desconhecidos, e de onde os raros animais que se haviam aventurado uma vez, nunca mais haviam conseguido voltar.

Em São Filipe também existe, extensas praias de área preta “Fonte Bila” e “Nossa Senhora”, a estância balnear de Salinas onde existe grutas e recifes de beleza extraordinárias. Existência de miradouros e paisagens naturais como Ribeira Filipe, Estância Roque, Ilhéu de Contenda, Grutas de cabeça do Monte e Achada Furna, a paisagem de Volta-Volta que liga o concelho de São Filipe à dos Mosteiros por via norte.

CAPÍTULO II

O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO NA CIDADE DE SÃO FILIPE

2.1- Analise Patrimonial do Espaço Urbano: Contributos da Arqueologia

*“Em arqueologia as sociedades são representadas não só pelos seus membros, mas pelos resultados duradouros do comportamento desses membros – por restos e vestígios de habitação, por ornamentos pessoais e sítios funerários, pelos materiais que de longe se importavam, pelos muros que construíram, pelos monumentos construído, entretanto, ritos, vestígios a que literalmente são designados por artefactos arqueológicos.”*⁹ No que diz respeito ao aspecto que queremos abordar neste capítulo, **Património Construído na Cidade de São Filipe**, começaremos por dizer que a idiossincrasia desta cidade sedimenta-se na sua

⁹ ÉVORA, José. O Património arqueológico cabo-verdiano: Estado actual da questão. IN: Africana N°6 (Especial). Arquivo Histórico Nacional/Universidade Portucalense. Porto. p.13

história de raiz escravocrata, que deixou marcas visíveis, nomeadamente através daquilo que hoje simboliza o pilar fundamental do seu património material, as casas Senhorias vulgarmente conhecidas por sobrados.

Com efeito, o espaço urbano de São Filipe caracteriza-se pelos políticos “sobrados”, testemunhos do poder dos grandes proprietários de outrora. Um espaço com precisos traços arquitectónicos sulcado por praças e pracetas, largos e altos todos devidamente identificados, constitui um centro histórico de grande interesse arquitectónico e urbanístico, e uma das mais relevantes mostras do património cultural de Cabo verde.

Os seus valores históricos ilustram todo o processo de colonização, com à miseginação de culturas e a adaptação ao meio.

Como anteriormente dissemos, o espaço urbano de São Filipe desenvolve numa encosta que desce em direcção ao mar. Isto determina um assentamento escalonado no qual as ruas principais seguem direcções de escassos declives para ligar praças a diferente altura. Como barreiras principais que delimitam a extensão do espaço urbano encontramos as duas ribeiras, Trindade e São João, ao Norte e Sul do mesmo.

A sucessão de praça é o elemento vertebral da estrutura urbana, pelo facto de estas agirem com elementos mudais entranhado e centros da actividade de cidade. É especialmente importante o espaço do mercado, que constitui o centro da actividade quotidiana, e a praça da Câmara Municipal. Mas todas as praças têm um papel importante na vida da cidade, como locais de reuniões, lazer dos cidadãos.

Do Alto da Aguadinha, se pode desfrutar de um dos mais belos e abrangente panorama de São Filipe. Esta opinião é partilhada por muitos entre as quais se destaca Teixeira de Sousa, Médico, ensaísta e romancista fogueense, que assim escreveu: “ (...) *do topo da Aguadinha, além do canal que se mostra revoltado, temos toda a cascata do carário aos nossos pés como que nos rendendo homenagem e implorando ao mesmo tempo a nossa atenção para a peculiaridade dos edifícios, largo, ruas e ruelas que compõem o tecido urbanístico de São Filipe. Numa encosta suavizada e dividida em dois planos por um muro de suporte, dobrado em Z, sucedem-se telhados escarlatos, paredes caídos, varandas exteriores e interiores, boncavilhas em flor desbordando as cercaduras dos quintais, capas de velhos tamarindeiras depositários mudos de inscreveis eventos. Pelo declive abaixo até a orelha da falésia os*

nossos olhos comprazem-se com conjunto de habitações que convoca uma história, uma estrutura colonial, uma minicultura, em suma que evolui através do século.”¹⁰

Do Alto de Aguadinha desce-se para o Largo da Cruz dos Passos que fica a leste do centro histórico e por ela passa a artéria principal que limita o centro. Ergue-se aí um monumento em forma de cruz encimando um tipo de altar.

Continuando a descer o Alto de São Pedro aparece, limitado pelos sobrados da “Bila” e por um grande paredão que marca a fronteira entre “Bila Baxu” e “Bila Riba”. Pavimentado e urbanizado, o Alto de São Pedro funciona como pista para a realização das cavalhadas da Bandeira – São exposições e provas de habilidades dos cavaleiros, que consistem em partir com uma lança, vasos e outros objectos pendurados numa corda, enfiar a lança numa argola pequena em plena corrida.

Na continuação do Alto de São Pedro fica o Largo Pato Moniz onde se situa uma linda praça com canteiros floridos e coloridos, bancos em madeira e cimento.

Deste Largo ao Presídio são apenas dois saltos. Chamado assim, porque existiu ali uma prisão, o Presídio é hoje uma linda praça arborizada, com muitos canteiros e onde se ergue o busto de Craveiro Lopes, um dos antigos Governadores da Colónia, acolhendo também um repuxo. O presídio também funciona como miradouro: *“Naquele largo passeamos a vista pelo canal até batermos nas siluetas da ilha Brava e dos ilhéus Rombos. À direita e à esquerda dos siluetas o olhar embebe-se na ampilidão do horizonte.*”¹¹

Durante as festividades da Bandeira de São Filipe a praça é cercada para logo se transformar numa animada feira popular onde realizam bailes e festas diversas. Mais além, do lado Norte fica “Padrão”, assim designado a um pequeno espaço de forma circular onde no centro se ergue um padrão no estilo do dos descobrimentos quinhentistas portugueses. É um lugar aprazível onde se vê o mar até morrer na linha do horizonte.

No extremo oposto há uma ampla e bela escadaria que dá acesso ao Largo Pedro Cardoso. Este largo encerra um significado histórico para São Filipe, pois é ali que se supõe ter sido implantado o primeiro núcleo populacional depois do achamento da ilha.

Deste largo, passa-se por uma rua estreita, a mais antiga da cidade ladeada de casas baixinhas, igualmente antigas. Esta rua conduz ao Largo da Cadeia civil, um edifícios de duas centenas de anos construído em homenagem à Rainha Carlota Joaquina.

¹⁰ SOUSA, Teixeira. A Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940. In: Claridade revista de Arte e Letra. N5. São Vicente. 1947. 2 Ed. Organizado por Manuel Ferreira. Linda-a-Velha. 1986. p. 34

¹¹ SOUSA, Teixeira. In: Fragata – Revista do Bordo da TACV. nº1. Série II. Janeiro/Março. 2003. p.12

Da praça arbonizado, localizada ao largo da cadeia civil chega-se à praia mais próxima, a praia de “Fonte Bila”.

Ainda no mesmo largo descortina-se um dos cemitérios da cidade, situado ao sul do centro histórico, na Achada São Filipe. Muito antigo, este cemitério é conhecido por “cemitério de brancos”, pois eram enterrados aí apenas as pessoas com muitas posses.

Possui um grande valor histórico e artístico. Com túmulos do século XIX que, para além de evocarem as origens dos familiares do Fogo, têm um grande interesse arquitectónico.

Logo a seguir ao largo, fica a Igreja Matriz e, a partir daí chega-se à Praça 14 de Setembro. É um espaço fechado e cheio de vida. A praça é cercada por sobrados, do lado Norte o edifício da Câmara Municipal.

2.2. Inventariação e Análise do Património Construído

Notamos que em São Filipe cada monumento, cada sobrado é único na sua história, nas suas características arquitectónicas, na envolvente paisagística, no estado de conservação em que chegou até nós.

Para um melhor visionamento dos principais sobrados desta cidade, passemos a descrever aqueles que consideramos mais relevantes ou pelos menos que se encontram em melhor estado de conservação. A análise dos mesmos permite-nos clarificar melhor o seu estilo arquitectónico e lançar um olhar sobre a configuração urbana de S. Filipe nos momentos áureos da sua história. O contributo da arqueologia nesta área, prende-se, fundamentalmente, nas vertentes, conservação, recuperação e valorização dos monumentos. Pensamos que uma intervenção arqueológica seria basilar num contexto multidisciplinar da metodologia de intervenção nesses monumentos, obedecendo princípios regulados internacionalmente estabelecidos, nomeadamente a inúmera legislação compilada em Cartas e Convenções Internacionais.

Fig.1



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 1**, temos um sobrado de cujo primeiro dono não se sabe por não constar no livro de registo nas finanças. Terá sido comprado por Henrique de Oliveira, altura em que desempenhou o cargo de administrador do concelho do Fogo, para posteriormente aparecer como propriedade de Anibal Henriques, (Nhó Anibal), figura que terá exercido alguma influência na cidade de S. Filipe pelos seus ideais políticos.

A casa é um ponto de referência na cidade não só por ser um dos sobrados de São Filipe, mas talvez, por ter sido propriedade de um homem que marcou a sua época.

A casa é constituída por dois pisos, de uso residencial e constitui, actualmente, propriedade da Câmara Municipal.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura é constituída por paredes resistentes e madeira, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento em cimento-ocre e todas as carpintarias em madeira.

Relativamente aos elementos mais significativos, podemos constatar: portas em fachada, cobertura e os seus elementos, cornija, quintal, grades, muros e/ou cancelas, cor de fachada e carpintaria de janela em fachada.

Quando ao estado de conservação, como se pode verificar, é bom.

Fig. 2



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 2**, temos um sobrado que foi construída nos últimos anos de 1880, por João Monteiro de Macedo, homem muito rico, proprietário de barcos e grande comerciante.

É constituído por dois pisos, sendo o primeiro de uso comercial e o segundo de uso residencial.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura é constituída por paredes resistente e madeira, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-amarelo e todas as carpintarias em madeira.

No que concerne aos elementos mais significativos, podemos destacar: grade, muro e/ou cancelas, beirados e cornija, varanda, carpintaria de janelas em fachada, quintal, jardim, serralharia, acabamento e cor de fachada, gárgolas e tubos de queda, portas em fachada, coberturas e os seus elementos.

Quanto ao estado de conservação, como se pode verificar, é bom. Neste momento, a casa não está a desempenhar qualquer função social.

Fig. 3



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 3**, temos uma casa que pertenceu a João do Sacramento Monteiro, conhecido por Nho Djon de Bia. Por herança a casa passou às mãos de Manuel Sacramento Monteiro. Actualmente pertence a Luísa Sacramento

È constituído por dois pisos, de uso industrial e residencial.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura é de parede resistente, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-rosa e todas as carpintarias em madeira.

Quanto aos elementos mais significativos, podemos destacar: grades, muros e/ou cancelas, gárgolas e tubos de queda, portas em fachada, carpintaria de janela em fachada, jardim, varanda, acabamento e cor de fachada, quintal, cobertura e os seus elementos, beirado e cornija.

Quanto ao estado de conservação, é bom, após ter sido completamente restaurado.

Fig. 4



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 4**, temos uma casa que foi construída por Ricardo Barbosa Vicente e São João Medina, sua mulher.

A casa, veio a ser vendida ao Dr. Álvaro Adolfo Avelino Henriques, homem muito rico, comerciante e proprietário falecido na década de 1980. Os herdeiros venderam a casa ao Município de São Filipe. É constituído por dois pisos de uso comercial.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura é de paredes resistentes e madeira, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-amarelo e todas as carpintarias em madeira.

No que concerne aos elementos mais significativos, destacamos: acabamento e cor de fachada, grades, muros e/ou cancelas, carpintaria de janela em fachada, cornija, varanda, portas em fachada, cobertura e os seus elementos, quintal, gárgolas e tubo de queda e escada.

Quanto ao estado de conservação, é bom, após ter sido completamente restaurado. Hoje funciona como hotel, denominado “Sobradinho”.

Fig. 5



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 5**, temos um sobrado destinado actualmente a um museu etnográfico da ilha, adquirida muito recentemente pelo Município de São Filipe.

É constituído por dois pisos, de uso cultural.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura é de paredes resistente, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-amarelo e todas as carpintarias em madeira.

No que toca aos elementos mais significativos, podemos constatar: grades, muros e/ou cancelas, gárgolas e tubos de quedas, portas em fachada, carpintaria de janela em fachada, cornija, varanda, acabamento e cor de fachada, escada, cobertura e os seus elementos.

Quanto ao estado de conservação, é bom, após ter sido completamente restaurado.

Fig. 6



Fonte: O autor, Maio 2006

Na **Figura 6**, temos a Igreja Matriz de Nossa Senhora Conceição. A Igreja encontra-se nas finanças como sendo “um prédio urbano, coberto de telha, com um compartimento, duas sacristia, confrontado a Norte em via pública e a Sul com o largo da Igreja”

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura em paredes resistentes, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-anel, e toas as carpintarias em madeira.

Como elementos mais significativos, podemos constatar: acabamento e cor de fachada, carpintarias de janela em fachada, porta em fachada, cobertura e os seus elementos, cornija, gárgolas e tubos de queda.

Quanto ao estado de conservação, a Igreja encontra-se neste momento a ser restaurada.

Fig. 7



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 7**, temos um edifício, “Fortim Carlota”, construído, ao que tudo indica entre os finais do século XVII e início do século XVIII, em homenagem à Rainha Carlota Joaquina. Foi um Baluarte da vila para a defesa contra os piratas. Mais tarde funcionou como hospital, na altura conhecida por Botica. Depois foi posto policial e tendo também funcionado como cadeia civil. Foi adquirida pela Câmara Municipal de São Filipe. É constituída por um piso.

Relativamente ao sistema construtivo, o muro é de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-creme e toda a carpintaria de madeira.

Em relação aos elementos mais significativos podemos constatar: acabamento em fachada, cobertura e os seus elementos.

Quanto ao estado de conservação é mau encontrando-se em fase de deteriorização. Precisa de intervenção de entidades competentes para repôr o seu estado normal e inicial.

Fig. 8



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 8**, temos uma das casas mais antigas do Centro Histórico da cidade de São Filipe. Pertenceu a uma família muito rica, ao que tudo indica, descendente de portugueses.

È constituída por dois pisos de uso residencial.

Em relação ao sistema construtivo, a estrutura em parede resistentes, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-ocre, e todas as carpintarias em madeira.

No que toca, aos elementos mais significativos, podemos constatar: acabamento e cor de fachada, carpintaria de janela em fachada, portas em fachada, jardim, varanda e a sua estrutura, cobertura e os seus elementos e cornija.

Quanto ao estado de conservação, como se pode verificar, é mau, e precisa urgentemente de restauro.

Fig. 9



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 9**, temos uma casa que foi construída por João Vasconcelos Monteiro, filho de Nho Djilorme, Morgado de Pico Pires. A casa ocupa uma grande área.

É constituído por dois pisos de uso residencial.

Em relação ao sistema construtivo, estrutura em paredes resistente, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboque-gris e todas as carpintarias em madeira.

Relativamente, aos elementos mais significativos, é de realçar: cornija, cobertura e os seus elementos, quintal, varanda e portas em fachada.

Quanto ao estado de conservação, é mau, visto que, a casa encontra em ruínas necessitando de intervenções urgentes.

Fig. 10



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 10**, temos uma casa que foi adquirida por Filipe Santos da Silva, natural da ilha do Fogo. Comprou uma casa rés-do-chão à família Avelino e levantou um grande sobrado. Hoje a casa pertence a Caetano Gomes Timas.

É constituída, por dois pisos, sendo o primeiro de uso comercial e o segundo residencial.

Em relação, ao sistema construtivo, a estrutura em paredes resistentes, muro de pedra, cobertura de telha, revestimento reboco-amarelo e todas as carpintarias em madeira.

Relativamente aos elementos mais significativos, podemos constatar: acabamento e cor de fachada, carpintaria de janela em fachada, portas em fachada, quintal, cobertura e os seus elementos, cornija, jardim e varanda.

Quanto ao estado de conservação, é bom, como se pode verificar, após ter sido restaurado.

Fig. 11



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 11**, temos uma casa que pertenceu, Sr. Luís da Silva Rendall. Este foi administrador do conselho do Fogo durante alguns anos, tendo residido sempre nesta casa. Actualmente a casa pertence a Manuel Veiga.

È constituída por dois pisos de uso residencial.

Em relação, ao sistema construtivo, a estrutura em paredes resistentes/ vigas em pátio, muro de pedra/bloco, cobertura de telha/fibrocimento em pátio, revestimento reboco-verde e todas as carpintarias em madeira.

Relativamente aos elementos mais significativos, podemos constatar: cobertura e os seus elementos, cornija, gárgolas e tubos de queda, acabamento fachada, carpintaria de janela em fachada, portas em fachada.

Quanto ao estado de conservação, é bom, após ter sido restaurado.

Fig.12



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 12**, temos um edifício que foi durante algum tempo utilizado como uma pousada. Aí muitas Bandeiras de São Filipe foram festejadas e noites de pilão se sucederam com animados bailes.

É constituída por dois pisos de uso comercial e residencial.

Em relação, ao sistema construtivo, a estrutura em paredes resistentes e madeira, muro de pedra, cobertura de telha/fibrocimento, revestimento reboco-anel e todas as carpintarias em madeira.

Quanto aos elementos mais significativos, podemos constatar: acabamento e cor de fachada, carpintaria de janela em fachada, varanda, escada interior, portas em fachada, cobertura e os seus elementos, beirado e cornija.

Quanto ao estado de conservação, é bom, após ter sido completamente restaurado.

Fig.13



Fonte: O autor, Maio de 2006

Na **Figura 13**, temos uma casa, cujo dono era João Monteiro de Macedo, que ofereceu-a à filha Luísa Barbosa. A casa veio a ser arrematada por Pedro José Rodrigues, grande proprietário. A família herdeira veio vender a casa à Igreja do Nazareno.

È constituída por dois pisos de uso residencial. Ali reside o Pastor da Igreja Nazarena

Em relação, ao sistema construtivo, a estrutura em paredes resistentes, muro de pedra, cobertura de fibrocimento, revestimento cimento-amarelo e todas as carpintarias em madeira.

Relativamente aos elementos mais significativos, podemos constatar: cor de fachada, carpintaria de janela em fachada e portas em fachada.

Quanto ao estado de conservação, é bom, como se pode verificar.

Fig. 14



Fonte: O autor, Maio de 2006

Não podíamos, de forma alguma, terminar esta descrição sem uma alusão à Casa da Memoria (**Figura 14**) situada na parte histórica da cidade de São Filipe. É uma casa rés-do-chão, construída na primeira metade do século XIX. Foi uma casa de habitação e, depois, comercial, pelo que se tornou conhecida como armazém. Tem um grande pátio interior, que serviu, nos anos 60 do século XX, para projecção de filmes, funcionando assim como o primeiro cinema ao ar livre do Fogo.

Restaurada em 2001, é hoje um espaço cultural, cujo objectivo fundamental é acolher exposição permanente, que apresenta aspecto da cultura e da história da cidade.

As três salas da casa apresentam alguma mobília antiga de sala e quarto, louças várias, peças decorativas, fotografias e utensílios da vida quotidiana como pilões, caldeirões e outros tipicamente locais, provenientes de várias gerações de famílias foguense.

Hoje, graças ao empenho da Sra. Monique Widmer, a casa constitui referência obrigatória para quem, no Fogo, pretenda fazer turismo cultural.

Não foi nossa intenção analisar o estilo estético dessas construções. Dizer apenas que, regra geral, a estética de muitos sobrados aqui apresentados, traduz a harmonia da arquitectura de estilo colonial, que por volta dos finais do século XVIII disseminava um pouco por todo o

mundo de influência europeia¹², nomeadamente em Cabo Verde, no caso concreto, em São Filipe. Verifica-se um certo esforço por parte dos projectistas no sentido de fazer espelhar nessas construções o espírito iluminista, daí consideramos que essa estética possivelmente esteja associada a ideia de racionalidade.

2.3. Arquitectura da Cidade: Acerca dos Sobrados

A execução dos procedimentos determinados pela chamada arqueologia da arquitectura da cidade de São Filipe traduzir-se-á num contributo para a definição de um programa de valorização desses monumentos. Por outro lado, um estudo prévio de arqueologia da arquitectura revelar-se-ia igualmente importante para a definição das zonas chaves para eventuais escavações arqueológicas, tanto na perspectiva de esclarecer dúvidas de interpretação como de antecipar a minimização de impactos, bem como para fornecer dados de natureza histórica.

Com os vivos, co-habita todo um passado histórico ilustrado pelas amostras arquitectónicas dos “sobrados”, restos de uma sociedade escravocrata em que os espaços tiveram funções sociais hierarquizadas muito distantes e bastante segregacionista. Os ricos, gente de origem europeia e proprietários moravam nos “sobrados”. *“A casa exprime o nível social dos seus moradores. Os proprietários mais abastados, os comerciantes, os funcionários, os “americanos” habitavam em sobrados (...).”*¹³

Como se sabe, os “brancos” constituíam a classe dominante. Eram eles os senhores da terra e do comércio, donde lhes provinham rendimentos com que mantinham uma elevada padrão de vida. Eram os donos dos sobrados de São Filipe e de confortáveis residências no interior.

Esta camada era altamente preconceituosa em termos raciais o que levou a uma prática endogâmica que tornou a sociedade fogueense um caso particular no quadro geral de Cabo Verde.

Os mulatos, “filhos de pai branco e de mãe mulata ou preta ou de pais mulatos”, constituíam as famílias remediadas que forneciam a mão-de-obra especializadas aos senhores da terra.

¹² LEGRAN, Gerard. A Arte Romântica. Lisboa. Edições 70. 2000. p.8

¹³ RIBEIRO, Orlando. A ilha do Fogo e as suas erupções. Ed. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Lisboa. 1997

Os negros, ainda que maioritariamente mestiços eram assim considerados socialmente, por pertencerem a uma “camada mais humilde”. Esta diferenciação social era rígida e reproduzia-se em tudo o que fosse manifestação sócio-cultural da ilha.

As famílias abastadas da ilha ocupavam-se simultaneamente da agricultura e do comércio.

Por este facto, passavam a época seca na vila de São Filipe e a época das chuvas no interior da ilha.

Tanto num espaço como noutro, as condições de vida eram soberbas e muitas distintas de outras camadas.

A vila de São Filipe, repartida em duas zonas (Bila Baxu e Bila Riba) acolhia os principais da ilha nos seus sobrados, “*erguidos no velho estilo colonial, amplos, bom pé direito, avarandados, coberto de telha marselhesa*”¹⁴

Chamar São Filipe cidade dos sobrados é tão simplesmente reconhecer o que nela há de distinto e de particular. Pois, é este tipo de habitação de dois pisos, construída no velho estilo colonial, o traço marcante de uma época áurea da vida da ilha.

Considerados Património Cultural, os sobrados estão intimamente ligados ao povoamento e aos seus primeiros habitantes.

Os primeiros a aparecerem na ilha foram edificados há volta da Igreja Matriz, nos meados do século XVII, sendo um dos primeiros moradores o Padre Amaro Sacramento Monteiro.

Estas casas sumptuosas, na época eram construídas com esmero, providas “*de larga varanda coberta pelo telhado, corrida ao longo de dois ou três lados construção. Os muros são de pedras, a varanda de madeira (...) tem várias divisões, geralmente muitos amplos e de grande pé direito. O telhado é formado por quatro águas, coberto de telha de barro ou de madeira, de origem americana, muito resistente às intempéries e que se encontra muitas vezes em construções antigas. As divisões compreendem sala, casa de jantar, quartos, cozinha não raro mobiladas com conforto e com gosto. A casa tem quase sempre anexo um pátio ou quintal, com árvores e flores; às vezes é formado por vários elementos justapostos, em torno deste espaço interior. O acesso ao andar faz-se por uma escada de madeira, que as vezes é interior e abre para a varanda. Os baixos servem quase sempre de arrecadação, celeiro, etc, e raras vezes de morada.*”¹⁵

O recheio das casas era de excelente qualidade: “*mobílias de madeira do Brasil, cadeiras de balanço, piano, quadros e retratos de família, paninhos de renda, ornados de fiança; a par*

¹⁴ SOUSA, Teixeira. Sobrados, Lojas e Funcos. Contribuição para o estudo da evolução social da ilha do Fogo. In: Claridade. Nº8. Maio de 1958. p. 3

¹⁵ RIBEIRO, Orlando – Ob. Cit, pág. 143

destes objectos pertencentes a tradição portuguesa (...) camas americanas de metal, com boas molas e colchões”¹⁶, cómodas, malas, escrivaninhas, estantes, etc.

A vida nos sobrados era calma, tornando-se animada quando da realização de grandes banquetes realizados para acolher ilustres convidados, celebrar acontecimentos importante ou para festejar as tradicionais festas das Bandeiras.

Durante os meses de as-águas, toda a família se deslocava para o campo onde os senhores cuidavam da gestão das suas propriedades.

Aos domingos, as grandes famílias reuniam-se num desses sobrados onde não faltava a boa cozinha foguense e os entretenimentos como o jogo, récita, a dança e a animada cavaqueira.

O sobrado era pois um micro-mundo em que os brancos se aquartelavam, distanciando-se dos que não podia ter ai acesso, a não ser em ocasiões especiais e devidamente autorizados. Com tudo, os alicerces do que era o orgulho da classe aristocrática estremeceram. A partir do segundo quartel do séc.XX a ilusão de uma vida ociosa desvaneia-se perante a conquista pouco a pouco da supremacia económica dos mulatos que, retornados da Américas ou erenquecidos pelo comércio, começaram a adquirir as terras dos morgados de outrora, os sobrados dos antigos senhores, ascendendo pouco a pouco na vida social da ilha.

O tempo destroçou o que se construía ao longo de séculos. Os sobrados pertenciam agora aos antigos feitores. Os antigos ocupantes procuraram a antiga metrópole e as antigas colónias e mesmos outras ilhas de Cabo Verde para se refugiarem.

Embora de forma ficcionada, Teixeira de Sousa, enfatiza essa realidade na sua obra Xaguate: *“Mil vezes o meu fogo selvagem de outrora do que este agora (...) Fogo agora é aquilo, macacos a quererem ser gente*”¹⁷

“ (...) os negro também subiram sobrado. E este então, Anacleto, esta todo puxado nas alturas, feito vogal da Câmara a convidar Governadores e toda a casta da gente grande para sua casa. Até vai mandar um filho estudar em Lisboa para Engenheiro. Eh, o mundo esta virado”¹⁸

Não foi, e nem podia ser, nossa pretensão analisar os fundamentos desta sociedade complexa e estranha, fascinante para alguns, misteriosa para outros. Nem tão pouco dissertar sobre arquitectura da cidade.

Quissemos, sim, trazer algumas pistas para outras reflexões, possivelmente, mais acertadas e mais profundas por parte daqueles que estão mais credenciados para falar destas

¹⁶ RIBEIRA, Orlando – Ob. Cit. pág. 143

¹⁷ SOUSA, Teixeira. Xaguate. Publicações Europa – América. Colecção Século XX. s/d. pág. 289

¹⁸ SOUSA, Teixeira. Ob – Cit. pág. 289

matérias. Pensamos, nomeadamente, nos Arquitectos/Urbanistas que por ventura interessam-se ou venham a interessar pelas cidades coloniais do osso país, designadamente a cidade de São Filipe.

Quanto aos meandros desta sociedade profundamente marcada pela escravatura que exerceu influências profundas sobre a mundividência das suas gentes, deixá-mo-lo para os estudiosos que estão mais balizados em investigação.

Quanto a nós, manifestamos tão somente a nossa sensibilidade e vontade de aprender e descobrir mais sobre São Filipe, o Fogo e Cabo Verde.

CAPÍTULO III

IMPORTÂNCIA DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO NA HISTÓRIA E NA SOCIEDADE “SAOFILIPENSE” – ALGUMAS REFLEXÕES

Ao pretendemos compreender a importância do Património, pensamos ser interessante conhecer a origem etimológica e a evolução do próprio conceito. Assim, etimologicamente Património é, antes de mais, aquilo que nos pertence por herança paterna. Alargado o conceito dos bens materiais para outros valores, o caminho está facilmente aberto à aceitação do termo como correspondente a herança cultural.

Aquilo a que vulgarmente chamamos Património Construído, querendo com essa expressão tão lata significar de forma abrangente quase tudo o que, tendo tido intervenção humana na sua constituição, de alguma forma corresponde a um conceito pouco precisado de edifícios com valor cultural, tem vindo a merecer cada vez mais a atenção, o cuidado, a preocupação e o investimento, tanto públicos como privados. Este Património Construído, que havia iniciado a sua carreira de objecto artístico incluindo quase exclusivamente edifícios monumentais, pode hoje em dia acolher na sua constituição variados produtos da construção humana. Já não apenas os palácios, as igrejas, as grandiosas obras arquitectónicas do passado mas sim também as do presente, ou uma simples casa de lavoura, ou um arranjo interior de uma residência urbana, ou qualquer outra forma de documentar materialmente as ordenações que nós, humanos, impomos ao nosso meio ambiente. Tudo isso pode ser entendido como

Património Construído, tudo isso pode ser objecto de estudo artístico, psicológico, antropológico, etnográfico, etc.

Este alargar do conceito corresponde naturalmente a uma outra forma de conceber o que é digno de pertencer a um conjunto que apodamos de património.

É a partir do renascimento que vamos encontrar a ideia de preservar, e até estudar, alguns testemunhos do passado, sobretudo clássicos, então designados por “Antiquálias”. *“Os estudiosos citam, frequentemente, as obras de André de Resende e Francisco D Holanda, que viveram no século XVI, para demonstrar a preocupação, já existente, da valorização do património monumental, enquanto documento, nomeadamente o da Antiguidade Clássica.”*¹⁹

Já no século XVIII, surgem os primeiros acções de enquadramento legal para a conservação do património monumental. E uma nova mentalidade, uma outra maneira de “ver” e interpretar os testemunhos legados pelos antepassados – a ideia de monumentos, sobrepõe – se a de “Antiquália”. Mas, é no século XIX que assistimos a uma maior consciencialização da importância do Património Cultural, nomeadamente a necessidade de salvaguarda dos bens imóveis.

Assim, por motivos de várias ordens, o conceito de Património andou durante muito tempo ligado à preservação de documentos e monumentos. Alargou-se depois e paralelamente a grupos de conservacionistas do tipo “ecologistas” e por biólogos que se preocupavam em preservar espécies vegetais e, mais tarde, animais. Hoje aquele conceito estático está ultrapassado, pois ganhou uma outra dimensão em que a relevância não assenta só na conservação das espécies, mas sim na preservação de todas as formas representativas que determinado grupo humano acrescentou à Natureza, bem como as transformações por ele introduzidas numa região.

Nos nossos dias a salvaguarda da herança cultural deve, pois, ser concebida tendo sempre em perspectiva as reais condições de vida das respectivas populações. Deste modo, a racional defesa de todo um património não se alcança apenas com a concretização de objectivos de ordem material, porque se deve ter em devida conta também aspectos de ordem **social** – conservação do equilíbrio social; **económica** – industrialização, despovoamento/migração, turismo; **histórica** – revitalização dos centros históricos, monumentos, **cultural** – dinamização do património artístico, criatividade, educação da juventude, etc.

¹⁹ PATRIMONIO – Informar para Proteger. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. s/d. p.6

Finalmente, hoje, é comumente aceite que cada elemento patrimonial constitui “o cimento civilizacional e a matriz onde molda a identidade do futuro.”²⁰

Sendo teorema irrefutável que o património é uma das mais reconhecíveis e duradouras projecções do homem em sociedade, contribuindo para a coesão e solidariedade culturais, vamos nos ater na importância do património construído da cidade de São Filipe. Como é sabido, a intervenção num centro histórico de uma cidade exige a assunção plena da realidade histórica herdada, requerendo também responsabilidade e zelo nas transformações e modificações projectadas e no usufruto dos espaços edificados.

Por outro lado, é fundamental rematar e qualificar as pré-existentes construídas e naturais traduzindo, globalmente na sobrevivência de uma estrutura urbana coerente e integral. “O património construído, como todo sinal impresso pelo esforço humano na paisagem é, sucintamente, o suporte da vida de relação. Deste modo, a evolução das actividades económicas, dos transportes, dos equipamentos urbanos, etc., está intimamente relacionado com o espaço edificado, cujas transformações devem ser analisadas na globalidade dos vectores que as produziram.”²¹

As cidades precisam de fazer ressuscitar a sua alma, agregando-lhe novos fenómenos geradores de actividades, evolução e desenvolvimento. Cada intervenção adopta uma estratégia onde todos os elementos se conjugem para concretizar o objectivo principal: valorizar e dinamizar a cidade existente.

A preservação do património tem, entre suas finalidades, o papel de realizar a continuidade cultural, ser o elo de ligação entre o passado e o presente, permitindo assim conhecer a nossa tradição e nossa cultura. “Cada cidade, cada vila, cada aldeia que se preze da sua identidade preserva o seu património urbanístico e arquitectónico, visto que este conjunto de valores culturais adquire todo o seu peso pela história do local onde insere, pelas razões que foi construído, pelas “camadas” que nele se foram sobrepondo, e pelas experiências, encontros, memórias e desejos que neles se cruzam e explicam”²²

No período em que vivemos hoje é dada mais importância ao progresso, o que gera uma sensação de fragmentação da nossa identidade e até mesmo risco de perda de referências culturais. Esta sensação de perda, despertou no homem o desejo de resgatar o seu passado, ou

²⁰ MOTA, Luís. Política Patrimonial: Teoria praticada ou Prática teorizada? In: Centros Históricos. Ano II. II Série. N 9. Lisboa. 2001. p. 28

²¹ FILHO, João Lopes. Defesa do Património Socio-Cultural de Cabo Verde. Lisboa. Ed. José A. Ribeiro. Lisboa. 1985. p. 67

²² Ibidem, p.165

seja, sentiu a necessidade de buscar manifestações culturais que pertencem ao seu passado, ir à procura de comportamentos que deixaram de ser comuns.

Os centros históricos constituem um bem primordial e insubstituível, uma herança que é preciso respeitar e transmitir, pelo que a sua protecção deve assumir uma perspectiva de conservação integrada e de salvaguarda activa, que faça a síntese dos diferentes elementos que os compõem, como seja, os edifícios e a estrutura espacial urbana envolvente, o seu valor histórico-cultural e arquitectónico.

Além disso, a relação forma-material revela-se como um factor importantíssimo, porque o equilíbrio presente em cada edifício-monumento representa correntes artísticas de determinada época e os seus condicionalismos económicos e sociais, os quais devidamente apreciados retratam episódios e etapas da história dessa comunidade.

Em São Filipe, a situação é o seguinte:

Apesar da Legislação vigente²³ estipular a definição de “*políticas de recuperação de centros históricos de áreas urbanas e rurais (...), em cooperação com as autarquias e com as associações locais de defesa do património (...)*”, acontece que nem sempre é visível a materialização desses pressupostos. É verdade que alguma coisa vem sendo feita no centro histórico da cidade, nomeadamente, no que se refere à restauração de alguns sobrados, conforme se pode constatar nalgumas ilustrações do nosso texto²⁴, modo geral, nem sempre as políticas têm sido aplicadas convenientemente. Verifica-se que uma parte do algerado urbano que pode ser considerado como o “núcleo histórico” da cidade de São Filipe, conserva ainda certa unidade, mas é pena que muitos dos seus edifícios estejam em ruínas, precisando urgentemente de restauro. Por outro lado, as alterações feitas recentemente em alguns monumentos como é o caso de Presídio, por vezes acabaram por descaracterizar o seu aspecto inicial. Mesma situação se verifica em relação a Praça 24 de Setembro, onde as intervenções acabaram por modificar o aspecto original da mesma.

A destruição do ambiente urbano não se processa apenas com a adulteração do “traço tradicional”, mais ainda através da substituição de tipo e qualidade dos materiais utilizados, porque muitas vezes estes não se coadunam com o que resta do antigo.

O valor cultural deste conjunto histórico-tradicional é inegável e advém do seu passado e das características específicas que o enformam. O facto de estar a ser alterado pode conduzir à descaracterização de sua imagem original.

²³ BO N 27. 26 de Julho de 1993. Art. 20

²⁴ Ver pags. 26-37

A preservação do referido “núcleo histórico” exige uma acção muito cuidada pela complexidade dos seus problemas, face à história nele representada e pela importância que assume como expressão de um passado cultural colectivo.

Teixeira de Sousa, nalgumas das suas intervenções, procurou reavivar o passado onde defende a preservação do estilo arquitectónico e urbanístico da cidade de São Filipe. *“Devemos preservar os modelos arquitectónicos legado pelos nossos antepassados sem preconceitos de qualquer ordem. No que respeita pelo menos à velha São Filipe. A moderna e a futura poderão adoptar outras traças. Mas, por amor de Deus, a vila dos telhados escarlates, das varandas de pau, das paredes de ocre azul e amarelo, de muros coroados de bunganvilias, de casa mais modesta, com uma porta e duas janelas, dos portões em arco, dos candeeiros de braço espetado nas paredes, essa vila, hoje cidade, que não seja vilipendiada, ultrajada, em nome duma civilização conceito absoluto, pois a verdadeira civilização é o progresso na continuidade do que somos culturalmente.”*²⁵

A defesa e a conservação dos bens patrimoniais são hoje reconhecidas como incumbência fundamental do Estado, apoiando-se na sua ampla conjuntura política, social, económica, cultural e ecológica. O conceito abrangente de conservação do património é considerado, cada vez mais, como um modo de defesa global do ambiente que não se preocupa só com a protecção do espaço vital natural mas também com o espaço vital colectivo, desenhado pelo homem no decurso da sua existência. *“Não faltam, por isso, normas e directivas internacionais, elaborados por organismos vocacionados para a salvaguarda da identidade histórico-cultural, sobretudo pela UNESCO, pelo Conselho da Europa e pelo ICOMOS, entre outros, apelando todos para a preservação da herança cultural e natural da comunidade humana.”*²⁶

Em São Filipe, temos de assumir que, a importância da defesa e da conservação do património, particularmente o edificado, assente em razões históricas. Basta lembrar que a génese de muitas construções, particularmente, os sobrados, traduz de certo modo, o espelho de uma época marcada pela escravatura e cujo impacto também se fez sentir ao nível das habitações. Os sobrados narram uma parte importantíssimo da história da comunidade e remetem para a circunstância sociais e culturais que constituem elementos estruturantes da identidade caboverdiana e do Fogo em particular.

Para terminar, dizer que, o património cultural é, em nosso entender, uma questão de cidadania. Hoje diferentes investigadores debruçam-se sobre a problemática da História e do

²⁵ SOUSA, Teixeira. Xaguete. Publicacoes Europa-America. Coleccao Seculo XX. p.16

²⁶ FERREIRA, Jorge. Património e Identidade. In: Centros Históricos. Ano II. II- Série. N 6. Lisboa. 2001. p. 11

Património. Historiadores, Arqueólogos, Antropólogos, Arquitectos, interpretam factos, monumentos, objectos, à luz dos seus diferentes conhecimentos e procuram nas suas diferentes visões, devolver-lhes uma parcela do seu fascínio.

Atendendo que a História só faz sentido quando o objectivo é compreender o homem e as suas realizações, temos que, o mais importante no entendimento do património histórico, o lado humano da história, aqueles que deram forma ao património que hoje usufruímos parcelarmente mas que nos permite *“alargar a capacidade de compreender”*²⁷

²⁷ SERRÃO, Victor. A História de Arte Portuguesa no âmbito da Historia-Ciencia. In: Antropologia e Etnologia. Vol.XXXVIII. Porto. 1998. p.4

CONCLUSÃO

O património é a imagem da identidade de um povo. Recuperá-lo é fazer um pouco o restauro da alma. Transmite um sentimento de pertença e revela a vida de um país. Conta a história de um lugar, de uma aldeia ou de uma cidade. Constitui, por isso, uma peça fundamental da identidade e funciona como alavanca para o progresso cultural e desenvolvimento económico. É, por tudo isto, muito fácil perceber a necessidade de salvaguardar e defender o património cultural, móvel e imóvel de um país.

Sabemos que a questão do património constitui uma preocupação a nível mundial, na medida em que todos os países, com apoio de Organizações Internacionais procura-se preservar as raízes como forma de estar “mais perto” daquilo que aconteceu antes e saber como conservar o que recebeu como herança.

Na verdade, nenhum observador atento pode menosprezar o valor que a preservação e defesa do património constituem para a valorização de tudo quanto existiu antes e do que temos obrigação de passar às gerações vindouras.

Numa altura em que a problemática do Património edificado da cidade de São Filipe vem suscitando alguma críspação, quissemos dar o nosso contributo com algumas reflexões expressas neste trabalho de fim de curso.

Ao defendermos a manutenção desse passado, não estamos, de modo algum a fazer a apologia saudosista dos seus aspectos negativos, nomeadamente de ordem política. O que importa ter presente, é que não haverá história se as obras e as marcas do passado não forem conservadas. Infelizmente, na cidade de São Filipe, a conservação, preservação e restauro do património edificado não tem seguido, em algumas circunstâncias, os parâmetros legais, visto que, grande parte do seu centro histórico já foi adulterada (construções modernas que não interagem com o antigo; descaracterização de alguns monumentos, como é o caso do “Presídio”, Alto São Pedro, Praça 24 de Setembro e alguns sobrados).

No intuito de alertar para alguns dos inúmeros e sucessivos riscos a que continua sujeita a nossa herança cultural, evidenciamos, portanto, a imperiosa necessidade de se conjugarem esforços (a diversos níveis) de modo a impedir essa destruição e o descaminho de bens culturais que, para além do seu valor material, representam a memória e o orgulho do povo “sãofilipense”, das suas raízes históricas e sociais.

Em conformidade com este propósito, procuraremos formular sugestões visando tarefas de pesquisa e dinamização, que abrangeriam um vasto e diferenciado plano de preservação à defesa do património:

- Torna inadiável a prévia elaboração de um Projecto procurando sistematizar o estabelecimento de uma nova relação entre “cultura” e os cidadãos, nomeadamente através da criação de mecanismo, que incentivem a recuperação e dinamização dos valores culturais com reconhecido interesse e autenticidade, com vista à preservação do Património.
- A realização de um “levantamento geral” que garanta o conhecimento exaustivo do património a salvaguardar, são os pressupostos indispensáveis para a criação de normas que sirvam, de facto, os interesses, defesa e salvaguarda da herança cultural. Daí que, complementarmente e sem hierarquia de prioridades, se deva proceder a uma “inventariação” de tudo quanto mereça fazer parte integrante do património “sãofilipense”.
- Outro objectivo a prosseguir é o que respeita à reanimação do “património socio-cultural” e ao enriquecimento da criatividade a partir de temas locais, visto que a ligação entre tradição e modernidade passa, também, por uma valorização da “cultura popular”.
- Que sejam promovidos debates e mesas-redondas versando aspectos mais relevantes no que concerne às questões de património.

No término deste trabalho científico que acreditamos ser um contributo e uma chamada de atenção à questões tão sensíveis e actuais que se prendem com o Património Construído da cidade de São Filipe, queremos reafirmar que a defesa do Património é uma

questão de cidadania. A cidade de São Filipe é quase toda ela caracterizada por uma efectiva monumentalidade que se assenta em razões históricas. Basta lembrar que a génese de muitos dos seus monumentos traduz, de certo modo, o projecto político – social de uma época marcada pela escravatura. Como dissemos nos capítulos anteriores e atendendo que a história só faz sentido quando o objectivo é compreender o homem e as suas realizações, urge sensibilizar, preservar, conservar e divulgar as belas construções que fazem o encanto de São Filipe, que preencham o seu património, e que fazem dela a cidade mais peculiar do nosso país.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Miguel. **Cabo Verde – Ilha do Fogo: São Filipe, sua evolução ate a categoria de cidade – Sobrado que sobrou.** Edição do autor. 1992
- BARCELOS, Cristiano José Senna. **Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné.** Parte I. Lisboa. Tipografia da Academia Real das Ciências. 1899.
- ÉVORA, José. **O Património arqueológico cabo-verdiano: Estado actual da questão.** IN: Africana N (Especial). Arquivo Histórico Nacional/Universidade Portucalense. Porto.
- ALBUQUERQUE, Luis de Madeira; Maria Emília (cood). **História Geral de Cabo Verde.** (3 Vol). Lisboa-Praia. Instituto de Investigação Cientifica tropical; Instituto Nacional de Investigação e Património Cultural de Cabo Verde. 2002
- FILHO, João Lopes. **Defesa do Património Socio-Cultural de Cabo Verde.** Lisboa. Ed. José A. Ribeiro. Lisboa. 1985.
- FERREIRA, Jorge. **Património e Identidade.** In: Centros Históricos. Ano II. II-Série. N 6. Lisboa. 2001.
- Figuras do Fogo – Nho Abílio Macedo, numa **evocação da infância.** In Revista Magma. N°4, Ano II.

- FREIRE, Verónica Dos Reis. A Experiência de Cabo Verde no Domínio de Património. In: Africana. Nº (especial). Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional. Porto. Setembro de 1993
- GUIMARAES, Gonçalves. **A Problemática do Património**. In: Africana. Nº (Especial). Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional. Porto. Setembro de 1993.
- **Historia Geral de Cabo Verde**. Vol.III. Lisboa-Praia. Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Nacional de Investigação e Património Culturais de Cabo Verde. 2002.
- MARQUES, Oliveira. **História de Portugal – Do Renascimento às revoluções Liberais**. Vol.II. Editorial Presença. 13ª Edição. Lisboa. 1998.
- MOTA, Luís. **Política Patrimonial: Teoria praticada ou Prática teorizada?** In: Centros Históricos. Ano II. II Série. N 9. Lisboa. 2001.
- PEREIRA, Daniel A. **Apontamentos históricos sobre a ilha do Fogo**. Ed. Alfa-Comunicações. s/d.
- **PATRIMONIO – Informar para Proteger**. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. s/d.
- LEGRAN, Gerard. **A Arte Romântica**. Lisboa. Edições 70. 2000. p.8
- RIBEIRO, Orlando. **A ilha do Fogo e as suas erupções**. Ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1997.
- SOUSA, Teixeira. **Sobrados, Lojas e Funcos**. IN: Claridade. Nº2. Mindelo.1958.

- SOUSA, Teixeira. **A Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940**. In: Claridade revista de arte e letra. N5. São Vicente. 1947. 2 Ed. Organizado por Manuel Ferreira. Linda-a-Velha. 1986.
- SOUSA, Teixeira. In: **Fragata – Revista do Bordo da TACV**. nº1. Série II. Janeiro/Março. 2003.
- SOUSA, Teixeira. **Xaguete**. Publicações Europa – América. Colecção Século XX. s/d.
- SERRAO, Victor. **A Historia de Arte Portuguesa no âmbito da Historia-Ciencia**. In: Antropologia e Etnologia. Vol.XXXVIII. Porto.

Legislações:

B.O. de cabo Verde. Nº52. 29 de Dezembro de 1990;

B.O. de Cabo Verde. Nº 27. I Série. 26 de Julho de 1993;